

# Festival: júri internacional está formado

ANTOINE: UM LIDER IÊ-IE-IE ACLIMATADO E COM ARES TROPICAIS



MÔNACO ENVIOU MARTINE, BELEZA E TALENTO DO PEQUENO PRINCIPADO

## • Martine e um certo domingo

Martine Boujoud, representante de Mônaco no Festival da Canção, é cantora profissional há um ano: "Antes chateava o pessoal de casa, cantando durante o banho, até que fui descoberta, num programa de calouros, na TV francesa."

Vive em Paris, mas acha a vida de lá muito trepidante. Ainda não teve férias, desde que iniciou sua carreira, porque "ser artista não é só receber homenagens e dar autógrafos, é uma das profissões mais duras, embora propicie (com dinheiro) uma liberdade muito grande, de agir, pensar e falar".

Não se define como a nova Edith Piaf, mas permite e não se aborrece quando a imprensa a chama assim. Gostou do público do Maracanzinho, mas não esconde seu temor: "Vocês são formidáveis, alegres, expansivos, e, o que é muito importante, honestos demais em relação ao que pensam. Se gostam, batem palmas, se não gostam demonstram com as vaías seu repúdio, incisivamente, o que provoca um certo receio entre os artistas de outros países."

Um Domingo Após o fim do Mundo fala de dois namorados que, após brigarem, pensam na possibilidade de se encontrarem "em algum domingo, após o fim do mundo", talvez prevendo uma volta do amor que acabou. É uma canção contagiante — segundo Martine — que também a acha fácil e bonita. Ela se apresentará com um vestido longo, cuja cor é surpresa. Declara-se fã de Françoise Hardy e de Jacques Brel. Sobre o Rio, diz Martine Boujoud:

— É algo do outro mundo, uma cidade onde se respira, que, perdooem minha alusão, mas parece uma estação de veraneio, tantas são as belas praias e tão alegre é seu povo."



ANITA, DA INGLATERRA, PROMETE CAUSAR POLEMICAS APAIXONANTES

O compositor norte-americano Harry Warren foi escolhido ontem para presidir o júri da fase internacional do III Festival da Canção Popular, que começará quinta-feira, com 33 canções, entre elas Sablá, de Tom Jobim e Chico Buarque.

O corpo de jurados é constituído por Elmer Bernstein (EUA), Cidália Meireles (Portugal), A. C. Weiland (Alemanha), Geo Voumard (Suíça), Paul Mauriat (França), Gian Piero Boneschi (Itália), Spela Razin (Iugoslávia) Raul Velasco (México), Les Reed (Inglaterra), Helena Iandrova (Tchecoslováquia), Jaime Atria (Chile), Jorge Arandez (Espanha) e Jacob Zeller (Argentina).

## Influência

Confirmando declarações anteriores ao resultado da fase nacional, quando os espectadores vaiaram a decisão do júri, a maioria dos jurados internacionais se pronunciou a favor da opinião pública.

— É possível que o público carioca, com a paixão latina com que aplaude suas canções favoritas, possa influenciar, embora de forma indireta, na decisão do júri — disse Harry Warren, após ser informado e ter aceito a presidência do mesmo.

Compositores, cantores e jurados estrangeiros comentaram ontem, com interesse, a reação do público, domingo último, no Maracanãzinho, e muitos deles externaram a satisfação em saber que as canções concorrentes serão ouvidas com atenção.

## Espanha

Novas delegações chegam hoje para completar o rol de artistas estrangeiros ao III Festival. Os concorrentes e convidados da Espanha, Au-

gusto, Augueró, Luiz Miguel Dominguin, a cantora Sallomé e a atriz Carmen Sevilla (todos da Espanha, devem desembarcar hoje no Galeão.

Para amanhã, espera-se Glória Simonetti e Carlos Ansaldo, do Chile; Les Reed, John Rowles e Gian Piero Boneschi, os dois primeiros da Inglaterra e o último da Itália; Karel Svoboda, Karel Gott e Helena Iandrova, da Tchecoslováquia.

## Éxito

— Ainda é cedo para julgar em definitivo a decisão do público domingo último. Considero a música de Tom Jobim excelente, embora difícil de ser compreendida. Não entendi ainda porque uma música como *O Sonho* deixou de ser classificada — disse o Sr. Augusto Marzagão — informando a respeito comentários das delegações estrangeiras da competição nacional.

— David Rose, Paul Mauriat, Franck Pourcel e quase todos os franceses e norte-americanos consideram a composição de Egberto Gismondi muito boa e vão gravá-la em seus países — acrescentou o diretor do Festival.

## Boato

Quanto ao boato de que Tom Jobim retiraria sua canção, não aceitando a premiação, nada foi confirmado. O diretor do Festival, por outro lado, disse que Chico Buarque virá da Europa especialmente para ouvir sua música concorrer.

Com o *Balle das Celebridades*, amanhã, no Iate Clube, será aberta oficialmente a programação do Festival Internacional, até agora limitada a passeios à Baía da Guanabara, Corcovado, Estádio do Maracanã e restaurante Canecão.



## ● Toulai: o som da Turquia

Levar ao mundo inteiro uma canção que exprima os sentimentos de meu povo e exalte o amor ao ser humano — eis o objetivo da cantora turca Toulai German, 26 anos, filha de um ex-Ministro de Estado. Comunicativa, Toulai consegue demonstrar a sinceridade de seus propósitos.

— Amo o ser humano, adoro o meu povo e queria fazer uma música que unisse a todos, acima de preconceitos e barreiras — diz, sorrindo.

Contente, por estar visitando o Brasil, que já conhecia através da arquitetura de Oscar Niemeyer e Le Corbusier, Toulai não esconde sua admiração pelos brasileiros, "povo que vibra e faz vibrar o artista". E por isso — explica — que gostei da canção de Geraldo Vandré, *Caminhando*, porque se comunica com esse público e parece expressar bem o que éle sente."

Grande vedeta a nacional desde 1964, Toulai começou sua carreira com oposição da família, que jamais imaginaria tê-la artista. Com a ajuda do compositor Erdem Buri, que deflagrou um movimento musical de apelo às raízes de seu país, Toulai alcança sucesso nacional. "Ela foi a única cantora que aceitou interpretar canções baseadas no folclore turco" — informa o compositor, cuja canção, *Sol de Inverno*, representará a Turquia no Festival.

Do êxito regional nos Balcãs — onde é estrêla consagrada — ao sucesso internacional, foi apenas questão de promoções como o festival da "Eurovision", em 1964, que a revelou para o mundo. "No concurso dos países balcânicos — diz — consegui ganhar o primeiro lugar com a música *Canção de Amanhã*.

— O que sinto em ser considerada glória nacional? "Procuo corresponder à confiança de meu povo, repondo-lhe com minha carreira.

Toulai vai cantar no Teatro Olympia e, após o festival brasileiro, participará de um show na televisão polonesa. Recebeu um convite do compositor grego Manos Hadjidakis para cantar na trilha musical que fará para o filme de Elia Kazan *The Arrangement*. Lamenta desconhecer o português, mas promete que no próximo festival interpretará uma canção em nossa língua, semelhante ao francês, que fala com desenvoltura, pois vive em Paris.



## Homenagem

*Com um coquetel na Embaixada dos Estados Unidos, os artistas norte-americanos que participam do Festival Internacional da Canção homenagearam ontem seus colegas brasileiros, numa festa de confraternização que reuniu, entre outros, os compositores Tom Jobim, João Roberto Kelly, Sérgio Ricardo, Gutemberg Guarabira, Jerry Livingston, Ray Evans, Harry*

*Warren (éste último autor de versões para as músicas de Carmem Miranda). Recebidos pela Sra. Ema Tuthill, estavam presentes ainda as cantoras Angela Maria, Irmãs Marinho e um representante dos Golden Boys, bem como os norte-americanos Dinah Shore e Michael Dees. Na foto, um flagrante colhido durante o coquetel*

## Sêlo do Festival já saiu

— Um dia êsses selos serão históricos, quando se procurar recordar o êxito e as emoções do III Festival Internacional da Canção Popular — afirmou ontem o Governador Negrão de Lima, na solenidade realizada em seu Gabinete, no Palácio Guanabara, em que foram lançados os selos emitidos pelo Departamento de Correios e Telégrafos, comemorativos do festival.

A partir de ontem as correspondências nas agências do DCT começaram a ser gravadas com os novos sinêtos, tendo aquela repartição emitido 2 milhões de selos comemorativos do certame, com características diferentes dos que foram lançados no II Festival da Canção.

O nôvo sêlo é impresso em quatro côres, criação dos desenhistas da Seção Filatélica do DCT, gravado com a clave do sol, representando um galo estilizado, símbolo do Festival da Canção, e tendo ao fundo o Pão de Açúcar.

## Homenagem

O Diretor-geral do DCT, General Rubens Rosado Teixeira, sublinhou que sua repartição, ao emitir o sêlo, associava-se às festividades que assinalam o III Festival da Canção e o fazia da forma mais expressiva e eloquente. Depois de pedir ao Governador que, com o carimbo também comemorativo, declarasse em circulação aquêles



selos, enfatizou que era um prazer colaborar com o Governo da Guanabara, "que os cariocas aplaudem, mesmo os que são adversários de seu Governador."

# • Antoine fala do Flamengo

O intérprete francês Antoine, — que representa Luxemburgo no III FIC —, concedeu ontem uma entrevista, durante a qual não economizou a verve francesa. Assim, perguntado por que sua canção fala no Flamengo, disse: "O Benfica ofereceu dinheiro, mas eu sou rubro-negro doente".

Admirou a coragem de Geraldo Vandré ao cantar acompanhado apenas por um violão, "num Festival em que todos sobem ao palco aos grupos: "Já estava vendo a hora em que haveria mais cantores em cena que público nas arquibancadas". Cantará sua composição, *Jôgo de Futebol*, em Português, e já fez a tradução de mais três canções para nossa língua: *Lolita*, *Canela* e *Caem alguns Flocos de Neve*.

## Violão e sinceridade

Antoine diz que nunca fez uma canção de protesto: "faço músicas de constatação. Não se pode mudar o mundo com canções, mas mesmo assim admiro os que ainda acham que isso é possível, e que vão, como Vandré, explicar o que pensam à multidão, armados apenas de um violão e de sinceridade".

Quanto a Cohn-Bendit, diz que talvez con-

siga algo no futuro. "Por enquanto, fez muito barulho por poucos resultados. É o contrário de De Gaulle — disse o cantor, sorrindo — que faz pouco barulho e obtém muitos resultados".

Disse que as camisas floridas que usa sempre são como o *canotier* de Maurice Chevalier: uma marca registrada. "Se ele pôde usar aquela chapéuzinho durante 80 anos, por que não posso vestir minhas flôres?". Antoine informou que continua a trabalhar como engenheiro, e que projetou uma vila de férias "racionalmente, não com o coração, que ponho nas canções". Não tem o mesmo sucesso, como técnico, que tem como cantor, porque os projetos "não são tocados no rádio".

Antoine afirma que não trouxe uma cadelinha para fazer charme, mas porque gosta de animais. Tem uma fazenda, "menor que as do Brasil, é claro", onde cria dois cães, sete gatos e duas vacas. Pretende arranjar agora dois veados. "Meus animais — diz, têm o nome que lhes dou na hora: esse animal por exemplo, começou se chamando *Chienne* (cadela), depois *York* (é da raça *Yorshire*). Agora, por causa dos famosos frios daquele condado inglês, chamo-a de *Jambon* (Presunto).

# • Françoise Hardy: uma lenda

Françoise Hardy declarou ontem que as histórias que correm sobre ela e o Príncipe Charles são invenção de dois jornais franceses, "que fabricam as notícias na hora". Pretende gravar a música de Vandré, porém, precisa ouvi-la mais, antes de se decidir.

Para a cantora francesa, o público brasileiro é formidável. Ela nunca foi vaiada, mas, se o fosse, ficaria triste, é claro, "mas não seria nenhuma tragédia". Acha o nosso povo o mais evoluído do mundo, musicalmente, e que nossos violões são os melhores que há: "Comprei dois, quando estive aqui, da outra vez".

Françoise Hardy, perguntada se de fato havia dito,

depois de sua visita ao Brasil, que "só se lembrava da maneira brasileira de preparar a carne", admitiu que isso possa ter acontecido, mas justificou-se dizendo que não tivera oportunidade de ter maiores contatos com o Rio e seu povo: "Neste festival, por exemplo, não sei sequer se quem fala comigo é brasileiro ou não".

Sobre seu filme *Grand Prix* disse que foi bom, publicitariamente, mas que o papel não lhe agradou. Não tem outro filme programado, e afirmou: "Sou cantora e não atriz". Françoise vai apresentar-se no Festival vestida de calças e túnica branca de Saint-Laurent. Diz que prefere a moda de Nina Ricci e acha a

de Paco Rabane "interessante".

## Inspiração

Françoise acredita que tenha melhorado, desde o início de sua carreira, sob o ponto de vista técnico-musical. "Quando ouço minhas primeiras gravações fico corada de vergonha". Mas, em matéria de vendagem, explica que alcançou enorme sucesso com uma de suas primeiras canções, e que "seria muito difícil para um artista estabelecer-se naquele nível de popularidade". Apesar disso, diz que ganha o que basta para viver muito bem, e que "não tem de que se queixar".

# • Michael: roteiro da fama

Michael Dees, jovem cantor americano, não se furta às perguntas dos repórteres: "Sim, sei que sou desconhecido no Brasil, mas acontece que na América também o sou, mesmo após nove anos de profissionalismo em música. Mas, logo que alcance meu primeiro milhão de discos vendidos, as coisas vão melhorar". "Para se vencer no *show-business* é preciso muita paciência ou então sorte, como no caso de Tony Bennet, que surgiu espantosamente para o sucesso.

É admirador de Andy Williams, Jack Jones e Sinatra — "é claro", — entre outros. Acha que o caminho para a fama, nos EUA, vem mais fácil quando se começa em Los Angeles ou em Nova York, ou então quando se tem uma chance num programa na televisão. Do Brasil, Michael conhecia Brasília, em primeiro lugar, e tinha ouvido falar na beleza do Rio, vagamente. Entre as músicas

da parte nacional, manifestou suas preferências por *Pra não Dizer que não Falei de Flôres*, *Dia de Vitória*, *América, América e Meu Sonho Antigo*. Sobre o começo de vaia que sofreu no Maracanzinho, disse não a temer, pois já sabia que em princípio os cariocas ensaiam uma vaia ao representante dos Estados Unidos, mas, que sendo bonita a música, os aplausos surtem de todos os cantos".

*Mary, Might have been* (Maria, que poderia ter sido), a canção que apresentará no III FIC, fala de uma garôta que "poderia ter sido muito rica, se aproveitasse oportunisticamente um casamento, ou possibilidade de, e que desprezando o conforto material, vai estrada agora com um caminhante, com quem divide seus sonhos e esperanças. É uma canção romântico-filosófica, que deve agradar".

# • Nina e um conto de fadas

Nina Urbano, intérprete da Polónia, veio acompanhada de seu marido, Edward Urbanczyk, compositor de *Um Conto de Fadas*, que representa aquêlê país no III FIC. Ambos acordaram ontem, às 6 horas, "para melhor conhecer e aproveitar esta bela cidade", mas não tiveram sorte, pois enfrentaram um dia frio e chuvoso. Edward compôs a música do festival especial-

mente para sua esposa se apresentar no Festival organizado pela televisão polonêsa, onde foi classificada em primeiro lugar.

*Um Conto de Fadas* é, segundo o autor, uma composição impregnada de lirismo e poesia, como o título sugere. "É bem popular e folclórica e foi escolhida especialmente para ser apresentada no exterior. Nina Urbano é bonita, de cabelos

negros, pele-bem branca, e adora as músicas do marido, o que não constitui surpresa. Seus discos são muito vendidos em todos os países socialistas, especialmente na Tchecoslováquia e na Rússia. Edward disse que pertence à União Polonêsa dos Compositores, que controla a vendagem e a execução de obras, permitindo inclusive que um compositor de sucesso seja bastante rico.

## ● Lucho Gatica, o veterano

Descontraído e alegre como um adolescente, Lucho Gatica está desde de domingo no Rio. Aqui já veio diversas vezes — não se lembra bem quantas. Com exatidão sabe apenas que numa delas foi jurado do FIC no passado. Sempre acompanhado de sua esposa, Maria del Pilar, que êle chama carinhosamente de Pepita, Lucho conversa com todos que encontra nos corredores do hotel, quase nunca seriamente:

— Tem amigos no Rio?

— Todos são meus amigos aqui — responde a um repórter.

Diz Gatica que em seu país os compositores e as músicas brasileiras são tão co-

nhecidos que seria impossível enumerá-los, mas Pepita tem preferências: Milton Nascimento e Marcos Valle, cujas carreiras ascenderam desde o início. Lucho Gatica, convidado do Festival êste ano, achou que *Sabiá*, *Andança*, *Pra não Dizer que não Falei de Flores e Dia da Vitória* foram as melhores canções apresentadas na parte nacional e que o júri foi quase perfeito em suas decisões, não cometendo nenhuma "atrocidade musical", e prevê que, de ano para ano o FIC se consagra como o maior Festival de Música Popular, "porque, além da organização, vocês contam com milhões de bons novos compositores, como no futebol contam com craques em profusão".

## ● "Orfeu" despertou Morillo

— A música brasileira faz grande sucesso na Venezuela, onde é apresentada em rádio e televisão, no mesmo nível que a de outros países. O Festival da Canção tem tanta importância que durante dez dias, antes de minha viagem, só se falava dêle — disse ontem a cantora Lita Morillo, que representará a Venezuela no certame internacional.

Dizendo que seu interesse pelo Brasil começou quando viu, há anos, o filme *Orfeu Negro*, Lita não poupa elogios a tudo que já viu no Rio e às canções ouvidas durante a fase na-

cional do Festival. "Se tivesse de escolher preferiria a de Geraldo Vandré. Para cantar, *Andança* é a que se aproxima mais de meu estilo".

— Não canto música de protesto nem iê-iê-iê — acrescentou. — Gosto muito de ouvir os colegas cantarem, mas pessoalmente prefiro outro tipo de canção. Acho que o artista venezuelano participa muito pouco da vida política de seu país, preocupado em manter o ritmo de sua atividade artística.

Ressaltou que a juventude deve poder fazer tudo que desejar e nada a-

dianta atacá-la, "sobretudo no campo musical".

Lita Morillo, antes de vir ao Rio, teve de gravar dez capítulos de uma telenovela que faz grande sucesso na Venezuela: *Maria Mercedes*, *La Chiquita*. Além de cantar e participar de telepeças faz cinema (tem três filmes em sua curta carreira), ao qual pensa dedicar-se com mais afinco.

— Anos atrás o Festival de San Remo era o máximo em matéria de promoção para o cantor venezuelano. Hoje, porém, todos preferem o festival brasileiro, já considerado superior ao italiano.

## ● Elmer Bernstein e a vaia

— O júri deve examinar com seriedade tanto a música como a letra das canções, pois ambas formam um todo harmônico e indissolúvel. A interpretação pode ser levada menos em conta, desde quando existe um prêmio especial para isso — disse ontem Elmer Bernstein, famoso compositor norte-americano de música de cinema, que definiu, assim, seus critérios de julgamento como jurado na fase internacional do III Festival da Canção.

A respeito da influência dos aplausos ou vaias do público sobre o júri, considerou que êste deve ter completa autonomia para decidir. "No caso de domingo — assinalou — acredito, porém, que a influência só poderia ser benéfica. "Caminhando", de Vandré", é música de alta qualidade e poderia vencer na fase internacional, pois tem ainda letra moderna.

Assinalando estar em desacôrdo com o júri, a propósito da premiação, Bernstein

disse, no entanto, ser a canção lírica de Antônio Carlos Jobim composição séria, a qual apreciou bastante. "Pessoalmente preferi a canção do Vandré, um justo primeiro lugar" — acrescentou.

Interrogado sobre a apresentação de *Os Mutantes* no espetáculo de encerramento nacional, o autor da música de "Os Dez Mandamentos" salientou ter ouvido com dificuldade a canção do conjunto. "Talvez se pudesse escutar pelo rádio poderia defini-la melhor", disse, acrescentando: "Apesar disso percebi que não era música de características nacionais".

Bernstein, sempre se referindo a critérios de aceitação de uma música popular ou não, observou que se "os Mutantes fossem aos Estados Unidos seriam definidos como imitadores, pois os conjuntos norte-americanos fazem maluquices bem maiores", opinião com a qual concordaram representantes da delegação dos Estados Unidos.